

## AMBIVALÊNCIAS AFETIVAS QUANTO AO USO DO CELULAR EM SALA DE AULA: DISCUSSÃO COM ADOLESCENTES A PARTIR DA APLICAÇÃO DO TESTE DE DEPENDÊNCIA DA INTERNET (TDI)

Julia Roberta Ferraz Furlani <sup>1</sup>  
Alessandra Ramos Castanha <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho é fruto de intervenção feita em estágio curricular de Psicologia em uma escola pública do Recife, procurada pelas classes médias e com alta aprovação nos vestibulares. Acompanhou-se uma turma de 1º ano do Ensino Médio, na qual o uso do celular em sala de aula com frequência provocava conflitos junto aos educadores. A partir da observação participante, de diálogos com o corpo discente, docente e com a psicóloga escolar, percebeu-se que tais atritos constituíam uma questão multifacetada, envolvendo conflitos geracionais e processos de transição referentes à entrada no Ensino Médio e à vivência da adolescência. A intervenção consistiu na aplicação do Teste de Dependência da Internet (TDI), forma validada de medir o uso prejudicial da internet, composta por um questionário de 20 perguntas com respostas dadas em uma escala Likert de pontos. O questionário foi transformado em formulário do Google Forms e compartilhado com os adolescentes para que obtivessem suas pontuações. Houve também debate em sala de aula, apresentando-se, na forma de dados percentuais e gráficos, dados relevantes coletados dos formulários. Foi possível perceber que os estudantes mostraram-se interessados pela representação visual dos gráficos e que transformar o TDI em um formulário da internet trouxe ludicidade, como uma espécie de jogo no qual responder às perguntas conduziu a uma pontuação. Acredita-se ter sido esta uma estratégia apta a estimular a curiosidade e, posteriormente, o engajamento na discussão. As falas, por sua vez, revelaram posturas ambivalentes: o celular é associado a procrastinação e desatenção, mas também mencionado como recurso que permite pesquisar, dentro e fora da sala de aula, os conteúdos trabalhados, além de trazer dinamicidade às aulas, como através de jogos e *quizzes*. Conclui-se que a utilização das tecnologias para fins didático-pedagógicos deve ser estimulada, pois gera grande envolvimento dos alunos, como se observou na própria intervenção realizada.

**Palavras-chave:** tecnologias digitais, ensino médio, Teste de Dependência da Internet (TDI), ludicidade, ambivalências afetivas.

### INTRODUÇÃO

Sabe-se que, na adolescência, há uma forte busca por diferenciação no processo de construção de identidade que, em nossa cultura, está muito associado a essa etapa do desenvolvimento. O lugar que a internet ocupa nesse processo não deve ser invisibilizado, pois seu uso tem se tornado cada vez mais presente na rotina de crianças e adolescentes, acompanhando uma tendência histórico-cultural que marca as últimas décadas.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, julia.furlani@ufpe.br;

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, alessandra.castanha@ufpe.br

Como levantado pela pesquisa TIC Kids Online Brasil 2021, no país, 93% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos eram usuários da internet. Dados da edição de 2022 da pesquisa revelaram que 87% dos usuários com idade entre 9 e 17 anos da rede ouviram música online, 82% assistiram a vídeos, programas, filmes e séries, 80% utilizaram a internet para fazer pesquisas para trabalhos escolares e 79% para o envio de mensagens instantâneas. Percebe-se, assim, que essa ferramenta permite práticas das mais variadas e o contato com diferentes referenciais discursivos e culturais, ampliando os conhecimentos e as relações. Por esse motivo, em nosso entender, a internet pode funcionar como um campo que impulsiona novas formas de subjetivação.

Porém, apesar desses aspectos positivos, o uso indiscriminado da internet pode levar à dependência, estando associado, entre crianças e adolescentes, ao isolamento social e à piora dos rendimentos escolares (ABREU *et al.*, 2008). Autores afirmam que, por oferecer ao usuário uma infinidade de informações disponíveis a um só tempo, a internet pode prejudicar as funções cognitivas de atenção e memória, visto que o grande volume de dados recebidos pelo cérebro através de textos, imagens e vídeos pode gerar uma sobrecarga cognitiva (SILVA, SILVA, 2017). Tal dinâmica seria especialmente danosa para adolescentes, por se tratar de sujeitos ainda em formação.

De acordo com a literatura, adolescentes com dependência de internet tendem a apresentar maior prevalência de fobia social, depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e agressividade. Além disso, há estudos que indicam que a dependência da internet é mais presente em adolescentes do que em adultos e mais em estudantes do Ensino Médio do que em universitários, sendo que, para muitos autores, a adolescência é um período de vulnerabilidade para o desenvolvimento da dependência em relação à internet (DA SILVA, 2016).

Por outro lado, a internet e as diversas possibilidades que ela traz podem ser importantes ferramentas didático-pedagógicas nos contextos educacionais, embora por vezes os educadores rechacem essa ideia. Segundo Arruda e Castro Filho (2018, p.82),

(...) as tecnologias, a cada dia, se apresentam como uma realidade das escolas brasileiras; no entanto, muitas vezes se desconhecem o seu verdadeiro potencial e a intensidade de suas contribuições para a aprendizagem dos alunos (...) os docentes, pela falta de tempo ou de entendimento, não vislumbram o poder e as contribuições que a utilização desses recursos pode trazer na sua formação enquanto profissional da área da Educação, bem como na constituição de novos conhecimentos pelos aprendentes.

O presente trabalho, realizado como parte de estágio curricular de Psicologia em uma escola do Recife, insere-se nesse cenário. Acompanhou-se, pelo período de três meses, uma turma de 1º ano do Ensino Médio. Foi possível delinear uma proposta de intervenção e executá-la junto aos estudantes a partir da observação de uma questão importante e recorrente na turma: o uso dos aparelhos celulares em sala de aula em momentos inoportunos, ou seja, nos quais a utilização não estava sendo solicitada pelos docentes. Percebeu-se que os celulares eram utilizados pelos adolescentes majoritariamente para o uso de redes sociais e aplicativos de trocas de mensagens, ou seja, para usos que demandam conexão à internet.

Também foi possível notar que não havia uma política oficial da instituição no sentido de permitir ou coibir o uso dos celulares em sala de aula. Entretanto, é relevante pontuar que o colégio oferecia acesso à internet, disponibilizando rede Wi-Fi. Assim, o uso em sala era acordado caso a caso entre professores e estudantes, sendo alguns professores mais críticos e outros mais flexíveis, do mesmo modo como alguns mostravam maior abertura à utilização dos celulares como ferramenta didático-pedagógica.

De fato, conversando com alguns professores, notou-se que alguns deles expressaram uma visão bastante negativa do uso dos celulares em sala qualquer que fosse o contexto, definindo que utilizar o aparelho seria terminantemente proibido em suas aulas. Um dos docentes verbalizou também que acompanhava a turma há muitos anos e que o problema havia se intensificado com a entrada no Ensino Médio, compartilhando a percepção de que os estudantes estariam “se achando donos do próprio nariz” (sic) e, por isso, mostrando-se menos responsivos às orientações dos professores.

Em contrapartida, presenciou-se aulas em que os próprios docentes propunham a utilização dos celulares. Como exemplo, pode-se citar a aula de Sociologia, na qual a professora pediu para que os estudantes pesquisassem em seus aparelhos uma matéria sobre o tema a ser trabalhado naquele dia e, a partir disso, iniciou um debate sobre o tema. Além disso, na aula de educação musical podia-se ver diversos alunos e alunas acompanhando em seus celulares as cifras das músicas enquanto tocavam seus instrumentos, o que era estimulado e recomendado pelo professor.

Em conversa com o supervisor da turma, este verbalizou que a turma apresentava questões comportamentais importantes, dentre as quais o uso do celular em sala de aula, que ele caracterizou como generalizado. Acrescentou que, em sua percepção, o uso havia se intensificado com o retorno às aulas presenciais após a pandemia de COVID-19 e que esse problema estava ocasionando queixas de diversos professores, de modo que eles haviam acordado, em reunião, por regular de maneira mais enérgica o uso dos celulares, exceto para

fins didáticos. Sobre este último ponto, ele mencionou que alguns professores, normalmente os “mais antigos” (sic), eram “mais resistentes” (sic) que outros à utilização do celular para fins didático-pedagógicos.

Dessa maneira, na turma acompanhada, o uso do celular em sala de aula, com frequência em prejuízo da participação e atenção dos estudantes às aulas, mostrou-se uma questão relevante que coloca em evidência a problemática do uso prejudicial da internet por adolescentes, tema extremamente atual e que cada vez mais tem demandado um olhar atento das mais diversas áreas do conhecimento. Como foi percebido que os estudantes utilizavam o celular principalmente para usos que demandam conexão à internet, pensou-se, como intervenção benéfica, a aplicação do Teste de Dependência da Internet (TDI) seguida de debate. O objetivo foi ocasionar a reflexão dos adolescentes sobre o uso, tanto individual quanto coletivo, e promover um espaço no qual fosse possível conversar de maneira leve e aberta sobre o tema, de modo que os estudantes pudessem expressar suas opiniões e vivências, trocando com os demais e produzindo sentidos.

O Teste de Dependência da Internet (TDI) é a primeira forma validada e credível de medir a utilização prejudicial da internet. Trata-se de um questionário composto por 20 perguntas com as respostas dadas em uma escala Likert de pontos, variando de 1 (raramente) a 5 (sempre). De acordo com a pontuação, há 3 níveis de dependência da Internet: leve (20-49 pontos), moderada (50-79 pontos) e severa (80-100 pontos) (DA SILVA, 2016).

O questionário foi transformado em formulário do Google Forms e compartilhado com os adolescentes para que obtivessem suas pontuações. Foram recebidas 28 respostas de uma turma de 35 alunos. Em seguida, no debate em sala de aula, apresentou-se, na forma de dados percentuais e gráficos, dados relevantes coletados dos formulários.

De acordo com sua pontuação no teste, calculou-se que 23 estudantes obtiveram o resultado de dependência leve e 5 obtiveram dependência moderada. Nenhum obteve dependência severa. Quanto aos conteúdos mais representativos das respostas às perguntas do teste, foi possível notar que a maioria dos participantes expressou experimentar procrastinação a partir do uso da internet, tendo um controle prejudicado sobre a quantidade de tempo passado nas redes.

Durante o debate, as falas dos estudantes revelaram ambivalências afetivas, as quais, para a psicologia cultural de dinâmica semiótica, são tensões desencadeadas nos sujeitos quando, em situações que envolvem escolhas e posicionamentos, experimentam, em relação ao mesmo objeto da experiência, atitudes afetivas e intelectuais opostas. A esse respeito, é importante destacar que a ambivalência é tida como inerente à natureza humana, de modo que

a coexistência de valorações contrastantes dirigidas a um mesmo objeto significativo, ao invés de exceção, é uma regra na psique humana (PINHEIRO, BATISTA, 2021).

No caso concreto dos estudantes participantes do debate, percebeu-se ambivalências pois suas falas trouxeram, por um lado, reconhecimento de seu próprio uso problemático da internet e, por outro, expressões de apreciação do uso por permitir pesquisar os conteúdos trabalhados em sala e trazer dinamicidade às aulas, como através da utilização de jogos e *quizzes*. Assim, o celular e a internet foram associados a procrastinação e desatenção, mas também mencionados como recursos positivos tanto fora da sala de aula quanto dentro dela, pelo acesso a informações e a objetos digitais de aprendizagem.

Concluiu-se que a utilização das tecnologias para fins didático-pedagógicos deve ser estimulada, tanto porque as falas dos estudantes expressaram o desejo de ter mais atividades em sala de aula envolvendo o uso de recursos disponíveis na internet quanto porque a própria intervenção realizada demonstrou o engajamento quando há esse tipo de proposta, visto que foi utilizado um formulário da internet a ser respondido pelos alunos e alunas na primeira etapa da intervenção. Esse estímulo à utilização didático-pedagógica passa pela sensibilização e também instrução dos professores mais resistentes com relação às tecnologias, visto que, como se percebeu, aqueles com postura mais fechada eram os que tinham menos familiaridade com as possibilidades trazidas pelos aparelhos celulares com conexão à internet.

Por outro lado, percebeu-se que é igualmente importante continuar trabalhando o uso prejudicial com os estudantes, no nível individual e coletivo, como forma de estimular uma relação mais saudável com a internet e minimizar os riscos associados a essa atividade tão difundida culturalmente nos tempos atuais.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente, pontua-se que a proposta de intervenção foi delineada a partir da observação participante, metodologia que tem raízes na pesquisa antropológica e proporciona a observação privilegiada de fatos, situações e comportamentos que de outro modo não seriam revelados. No contexto escolar, a observação participante permite a aproximação do cotidiano da escola, seus processos e sua dimensão sócio-cultural e histórica (MARTINS, 1996).

Acompanhou-se uma turma de 1º ano do Ensino Médio em suas aulas durante três meses. Foi possível perceber a recorrência e relevância da questão do uso do celular em sala de aula e, assim, a pertinência de uma intervenção que trabalhasse esse uso. A intervenção deu-se em duas etapas, sendo a primeira o envio para os estudantes, através da plataforma

Google Classroom, do questionário do Teste de Dependência da Internet (TDI) transformado em formulário do Google Forms. Depois do preenchimento individual do questionário pelos alunos, houve uma segunda etapa, qual seja, o momento de discussão presencial, que aconteceu durante a aula de Orientação Educacional (OE), durante um período de 50 minutos, das 09:20 às 10:10 da manhã.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Inicialmente, pensou-se em entregar à turma o questionário impresso para que eles respondessem às questões em sala de aula, em momento imediatamente anterior ao debate. Ponderou-se, porém, que seria interessante transformar o teste em formulário do Google Forms para ser preenchido pelos alunos e alunas em suas casas, em um ambiente mais propício para a introspecção e reflexão. O questionário recebeu 28 respostas de uma turma de 35 alunos, de modo que avalia-se que a proposta teve uma boa adesão por parte da turma. Dentre os 28 participantes, de acordo com sua pontuação no teste, calculou-se que 23 obtiveram o resultado de dependência leve e 5 obtiveram dependência moderada. Nenhum obteve dependência severa.

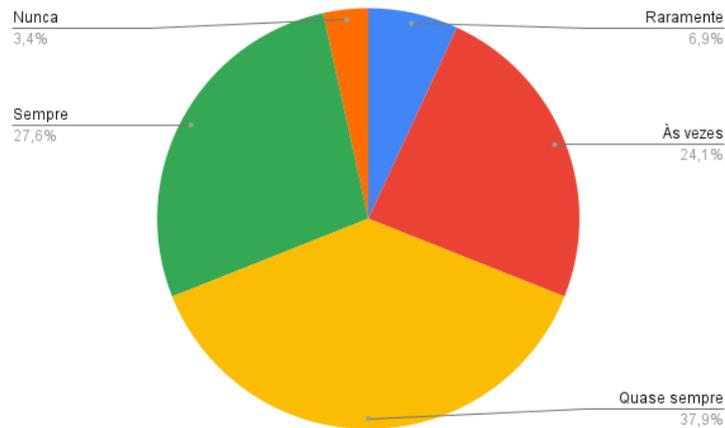
Foi possível ter acesso ao conjunto de respostas e resultados da turma com antecedência, identificando-se os dados mais representativos, que foram transformados em informações na forma de porcentagens. Ademais, foram realizadas representações visuais desses dados através de gráficos, os quais foram compartilhados com a turma em apresentação de slides durante o debate em sala de aula.

No momento do debate, as perguntas do questionário foram retomadas, com a representação percentual e visual das respostas da turma como um todo. Também tentou-se estimular o debate a partir de algumas perguntas: acham difícil não usar o celular durante a aula? Quando usam o celular durante a aula, geralmente qual é a motivação? Costumam usar o celular/internet como auxílio para as atividades escolares? O uso do celular faz com que tenham dificuldade de se concentrar nas atividades? Acham que o celular ajuda ou atrapalha os estudos? Essas foram algumas questões norteadoras, no entanto, procurou-se deixar os estudantes livres em sua expressão, de forma que novos assuntos pudessem ser introduzidos por eles e novas questões pudessem ser elaboradas ao longo da conversa.

É importante destacar que, durante o debate, evitou-se colocar foco sobre a questão da dependência. Isso porque o intuito não era patologizar os estudantes, mas, muito pelo contrário, propiciar a autorreflexão de cada um e cada uma sobre seu próprio uso e se este

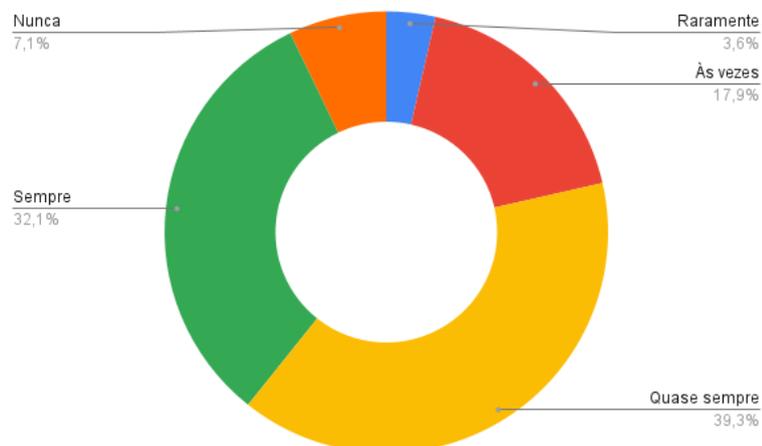
estaria sendo prejudicial ou não, bem como proporcionar a discussão em um ambiente de curiosidade e abertura, sem a carga negativa que costumeiramente acompanha as abordagens sobre o tema, pois também se percebeu que, na maioria das vezes em que a questão era trazida à tona pelos professores, tal se dava sob ameaças e com forte tom de reprovação.

Durante o momento, os estudantes mostraram-se interessados pelos gráficos e pela representação visual que eles proporcionam. Dentre as perguntas com resultados mais representativos, elencou-se: “acha que passa mais tempo na internet do que pretendia?”, na qual 27,6% dos alunos marcaram “sempre” e 37,9% marcaram “quase sempre” e “se pega dizendo ‘só mais alguns minutos’ quando está conectado?”, na qual 32,1% marcaram “sempre” e 39,3% marcaram “quase sempre”:



Graf. 1: “Acha que passa mais tempo na internet do que pretendia?” (2023)

Gráfico construído com base nas respostas da turma ao Teste de Dependência da Internet (TDI)



Graf. 2: “Se pega dizendo ‘só mais alguns minutos’ quando está conectado?” (2023)

Gráfico construído com base nas respostas da turma ao Teste de Dependência da Internet (TDI)

Tais resultados colocam em evidência a questão da procrastinação a partir do uso da internet, do controle prejudicado sobre a quantidade de tempo que se passa nas redes, quase como se aquele ambiente fosse capaz de “capturar” os usuários pelos seus fortes estímulos de distração e entretenimento. Nesse sentido, salienta-se um estudo (REINECKE *et al.*, 2018) que investigou a relação entre procrastinação, uso da internet e bem estar psicológico e concluiu que a procrastinação está associada com um uso intensificado das redes para lazer e com a falta de controle sobre esse uso, o que, por sua vez, tem associação com uma diminuição do bem estar psicológico e condições como estresse, ansiedade e depressão.

Buscou-se explorar a questão da procrastinação no debate e muitos dos adolescentes afirmaram que, em casa, postergam a realização de suas obrigações escolares por estarem utilizando as redes sociais, o que reafirma a grande quantidade que marcou “sempre” e “quase sempre” na pergunta do TDI sobre dizer “só mais alguns minutos” quando se está conectado. A questão da pandemia também surgiu no debate: uma aluna verbalizou “depois da pandemia meu foco não é o mesmo, uso muito mais o celular pra procrastinar” (sic) e diversos outros alunos juntaram-se a ela em sua afirmação.

Sobre o uso em sala de aula, um aluno afirmou: “às vezes é difícil controlar” (sic), o que coloca novamente em evidência a questão de que, não raro, o usuário tem um domínio prejudicado sobre seu próprio uso, em face dos múltiplos estímulos cognitivos e afetivos envolvidos na utilização da internet – especialmente quando se tratam de redes sociais e aplicativos de troca de mensagens.

Questionados sobre suas motivações quando utilizam o celular em momento inoportunos como durante uma aula em que a utilização não está sendo solicitada, mencionaram questões como sono e tédio, mas também referiram que por vezes utilizam o celular para pesquisar algo relacionado com o conteúdo que está sendo trabalhado naquele momento. Além disso, uma aluna, que foi acompanhada por diversos outros, comentou que gosta muito do uso em sala de aula do Kahoot, uma plataforma digital de aprendizado baseada em quizzes que permitem que os alunos testem seus conhecimentos. Os estudantes acrescentaram que alguns professores já propuseram essa utilização durante suas aulas, mas que gostariam de mais atividades dessa natureza. Nesse sentido, aponta-se a questão da diferença geracional entre os alunos e alunas e seus professores, muitos dos quais guardam uma visão negativa do uso em sala de aula dos celulares e, conseqüentemente, da internet, e

demonstram resistência ao aproveitamento desses recursos para fins didático-pedagógicos.

Assim, durante o debate, as falas dos estudantes trouxeram, por um lado, reconhecimento de seu próprio uso problemático da internet e, por outro, expressões de apreciação do recurso por permitir pesquisar os conteúdos trabalhados em sala e trazer dinamicidade às aulas através da utilização de jogos e *quizzes*. Assim, o celular e a internet foram associados a procrastinação e desatenção, mas também mencionados como recursos positivos tanto dentro da sala de aula quanto fora dela, pelo acesso a informações e a objetos digitais de aprendizagem.

Foram reveladas, assim, ambivalências afetivas em torno do uso do celular, as quais, para a psicologia cultural de dinâmica semiótica, são tensões desencadeadas nos sujeitos quando, em situações que envolvem escolhas e posicionamentos, experimentam, em relação ao mesmo objeto da experiência, atitudes afetivas e intelectuais opostas. Tais valorações contrastantes dirigidas a um mesmo objeto significativo são tidas como inerentes à natureza humana (PINHEIRO, BATISTA, 2021).

Como já se pontuou, além de ter sido notado um aumento do manuseio em sala após a pandemia, um dos professores verbalizou perceber intensificação do problema com a entrada dos estudantes no Ensino Médio, pois estariam menos responsivos às orientações. De fato, não se pode deixar de considerar que os estudantes acompanhados estavam em plena fase de transição entre o 9º ano do Ensino Fundamental II e o 1º ano do Ensino Médio. Tal momento envolve mudanças curriculares, maiores exigências de organização e responsabilidade e “um processo de ruptura com uma ordem estabelecida, com efeitos de desestruturação identitária e social e abertura de um campo de possibilidades para o desenvolvimento de novas identidades e relações” (ABRANTES, 2005, *apud* VECCHIETTI, 2019), especialmente quando essa transição é acompanhada por uma mudança de instituição de ensino.

A isso, soma-se o fato de que a adolescência é, em si, uma fase da vida que em nossa cultura está muito associada à construção da identidade e à realização de escolhas capazes de pautar a vida adulta. Sabe-se que o processo de desenvolvimento do adolescente é marcado por transições, sendo a conquista paulatina da autonomia uma das mais importantes tarefas desenvolvimentais desta fase. A autonomia é descrita como uma expressão afirmativa e adaptativa da juventude que se expressa tanto na relação com o outro quanto consigo. Em uma perspectiva sócio-dinâmica, a estruturação da autonomia se dá em um processo gradual de afastamento ou separação emocional das figuras de referência, como pais ou responsáveis. Salienta-se, porém, que a conquista da autonomia não prescinde do suporte dessas figuras de referência, pelo contrário, diversas pesquisas têm demonstrado os efeitos protetivos de um

clima familiar positivo, com maior afeto, suporte, comunicação aberta e regras claras, de modo que maiores índices de suporte parental se associam com maiores índices de autonomia, enquanto que um clima familiar marcado por coercitividade e punição tende a ser associado a menores índices de autonomia. A autonomia também se associa positivamente com uma maior abertura para supervisão por parte dos adolescentes (BARBOSA, WAGNER, 2013).

Assim, diante dessas reflexões, é possível que o uso intensificado do celular, consequentemente também em sala de aula, guarde relação com o fato de as abundantes e diferentes possibilidades oferecidas pela internet serem capazes de impulsionar a construção de identidades, aspecto importante no processo de busca de autonomia que é próprio da vivência da adolescência. Salienta-se, porém, o papel da intervenção da escola, bem como da família, ao conversar com os estudantes acerca do uso excessivo e prejudicial da internet, atuando protetivamente contra os riscos de dependência e contribuindo para a expressão dos adolescentes em sua singularidade, porém de maneira funcional e que seja potencializadora de seu bom desenvolvimento. É interessante que tais discussões sejam realizadas de maneira aberta, buscando ouvi-los e compreendê-los e evitando as posturas punitivas que comumente acompanham a temática em questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência aqui narrada, foi possível perceber que, na turma acompanhada, o problema da utilização de aparelhos celulares em sala de aula em momentos inoportunos constituía uma questão multifacetada, envolvendo conflitos geracionais e processos de transição referentes à entrada no Ensino Médio e à vivência da adolescência. Percebeu-se também que o uso estava relacionado majoritariamente com o acesso a redes sociais e a aplicativos de troca de mensagens, ou seja, com a conexão à internet.

Através da intervenção posta em prática, os conteúdos trazidos nas respostas ao TDI e nas falas dos estudantes durante o debate revelaram ambivalências afetivas, com o reconhecimento de seu próprio uso problemático da internet, mas também expressões de apreciação do recurso. Foi posta em evidência a questão da procrastinação de outras atividades devido ao uso da internet e do controle prejudicado sobre a quantidade de tempo que se passa *online*, bem como sobre em quais momentos o celular é manuseado. Durante o debate, notou-se que os estudantes mostraram-se interessados pela representação visual proporcionada pelos gráficos e que transformar o TDI em formulário da internet trouxe ludicidade, como uma espécie de jogo no qual responder às perguntas conduziu a uma

pontuação. Acredita-se ter sido esta uma estratégia apta a estimular a curiosidade e, posteriormente, o engajamento na discussão.

Percebeu-se que ainda se mostram necessários muitos estudos e debates, especialmente com os próprios estudantes, para entender como enxergam essa questão tão presente em suas rotinas. O uso excessivo dos aparelhos celulares e da internet, longe de ser algo que se expressa somente no ambiente escolar, é uma questão histórico-cultural que se reflete também na escola. Assim, para muito além dos sentidos negativos de que se reveste na escola em termos de disciplina e desempenho, trata-se de uma problemática social e é interessante que seja trabalhada com intervenções coletivas e não individualizantes, uma vez que estas últimas comumente levam a abordagens centradas na patologia.

Nesse sentido, acredita-se que a grande contribuição que a Psicologia pode dar no ambiente escolar reside justamente em enxergar as singularidades que são próprias dos sujeitos, considerando-os a partir de suas amplas relações e contextos e dando voz a eles para que possam construir sentidos históricos aos fenômenos que os envolvem.

## REFERÊNCIAS

ABREU, C. N. DE. *et al.* **Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão.**

Brazilian Journal of Psychiatry, v. 30, n. 2, p. 156–167, jun. 2008.

BARBOSA, Paola Vargas; WAGNER, Adriana. **A autonomia na adolescência: Revisando conceitos, modelos e variáveis.** Estudos de Psicologia, 18(4), outubro-dezembro/2013, 639-648. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/epsic/a/Fnq3mFv8zyHwTHm9z83WnbG/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em 04 nov. 2023.

Comitê Gestor da Internet no Brasil: CGI.Br. **TIC Kids online Brasil. Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil: 2022.** São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023. Disponível em:

[https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20230825142135/tic\\_kids\\_online\\_2022\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20230825142135/tic_kids_online_2022_livro_eletronico.pdf). Acesso em 04 nov. 2023.

DA SILVA, Vilma Cidade. **VALIDADE E CONFIABILIDADE DA VERSÃO BRASILEIRA DO TESTE DE DEPENDÊNCIA DE INTERNET (TDI).** Canoas, 2016.

Disponível em: <http://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/692>. Acesso em 04 nov. 2023.

MARTINS, J. B. **Observação Participante: Uma Abordagem Metodológica para a Psicologia Escolar**. Semina: Ci. Sociais/Humanas, Londrina, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996.

PINHEIRO, Marina Assis; BATISTA, Gessivânia de Souza. **Ambiguity and Ambivalence: an Issue for the Subjective Dynamics in the Relation between Language and Affection**. Integrative Psychological and Behavioral Science 55, 470–485 (2021).

REINECKE, L.; MEIER, A.; AUFENANGER, S.; BEUTEL, M.; DREIER, M.; QUIRING, O.; STARK, B.; WÖLFLING, K.; MÜLLER, K. **Permanently online and permanently procrastinating? The mediating role of Internet use for the effects of trait procrastination on psychological health and well-being**. March 2018. New Media & Society 20(3):862-880.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. **Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais**. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 04 nov. 2023.

VECCHIETTI, Mirelle Cândido. **AS TRAJETÓRIAS ENTRE O ENSINO FUNDAMENTAL E O ENSINO MÉDIO NA VOZ DOS ADOLESCENTES: UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**. Dissertação (Pós-graduação Stricto Sensu - Mestrado) - Instituto Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.